

Psicoterapia com Substâncias Psicoativas

André Felipe Osti DA SILVA;
Gabriela Angelo de MENEZES;
Marcos Elias Lopes SANTOS;
Mariane Aparecida Cardoso PASSONI;
Mariana Moreira DA SILVA¹;
Eduardo Hideto KAWAHARA FILHO²;

RESUMO: O uso de substâncias psicoativas ao longo da história foi utilizado como apoio à cura desde os primórdios da humanidade, tornando-se uma prática cultural estabelecida. A presente revisão analisa, discute e explora os potenciais de tratamento da Cannabis Sativa, MDMA, DMT/Ayahuasca e Psilocibina, uma vez que são as substâncias com maior potencial na psicoterapia. O objetivo deste estudo foi abordar pesquisas sobre o uso psicoterapêutico dessas substâncias, analisando seus potenciais de tratamento e contextualizando sua prática. Subsequentemente, foram selecionados e filtrados 22 artigos dos últimos 5 anos conforme os critérios de inclusão. Os estudos demonstraram benefícios dessas substâncias em comorbidades específicas como angústia, ansiedade, depressão, entre outros transtornos e condições. Com isso o estudo explorou os resultados das pesquisas, aspectos relacionados a qualidade de vida e suas evidências. Desta forma, foi realizado para gerar as informações a fim de complementar os subsídios dos ensaios clínicos e enriquecer o conhecimento na comunidade científica.

PALAVRAS-CHAVE: Tratamento, cannabis, MDMA, ayahuasca, psilocibina.

ABSTRACT: *The use of psychoactive substances throughout history has been employed to support healing since the early days of humanity, evolving into an established cultural practice. This present review examines, discusses, and explores the treatment potentials of Cannabis Sativa, MDMA, DMT/Ayahuasca, and Psilocybin, as they hold great potential in psychotherapy. The study aimed to address research on the psychotherapeutic use of these substances, analyzing their treatment potentials and contextualizing their practice. Subsequently, 22 articles from five years ago were selected and filtered according to inclusion criteria. The studies demonstrated the benefits of these substances in specific comorbidities like anguish, anxiety, depression, and other disorders and conditions. Therefore, this study explored the results of the research, the aspects of life quality, and their evidence. In this way, it was carried out to generate*

¹ Acadêmicos do 4º Ano do Curso de Graduação em Psicologia das Faculdades Integradas de Fernandópolis – FIFE-FEF, Fernandópolis-SP.

² Psicólogo, Mestre em Saúde Coletiva (UNICAMP), Professor do Curso de Graduação em Psicologia das Faculdades Integradas de Fernandópolis – FIFE-FEF, Fernandópolis-SP.

information to complement the subsidies from clinical trials and enrich knowledge in the scientific community.

KEYWORDS: *Treatment, cannabis, MDMA, ayahuasca, psilocybin.*

1 INTRODUÇÃO

O uso de substâncias tem acompanhado a humanidade desde os primórdios, influenciado por fatores sócio-históricos e culturais em diferentes regiões do mundo. Algumas culturas usufruíam dessas substâncias em cenários medicinais, ritualísticos e recreativos, chegando a atribuir propriedades divinas aos psicoativos (ESCOHOTADO, 2004, p.9). A ideia de cura por via de psicoativos é antiga e está ainda presente em culturas diferentes. No Brasil a ayahuasca este presente em diversas religiões e carrega a ideia da cura xamânica, “A bebida é concebida como sendo capaz de abrir a percepção do mundo espiritual e tem sido usada por xamãs para uma diversidade de fins, mas especialmente para a cura” (MACRAE, 2021). As experiências psicodélicas são significativas ao usuário, “envolvem a passagem por estados alterados ou alternativos de consciência que podem ser atingidos, por exemplo, com toques de tambor e técnicas de meditação ou respiração” (RODRIGUES, 2019).

Timothy Leary, Psicólogo e professor de Harvard conhecido no movimento psicodélico e cultura popular dos anos 60, durante um contexto de “uma política repressora e violenta, perdeu o emprego em Harvard, onde tinha iniciado as experiências com o ácido lisérgico. Com isso, se torna alvo de inúmeras perseguições e detenções policiais” (CARVALHO, 2002), foi um dos percussores aos estudos psicoterapêuticos das substâncias psicodélicas. O termo psicodélico é resultado etiológico de “psique” (mente, espírito, alma, *self*, psiquismo) e “delos” (manifestação, revelação, visão) (RODRIGUES, 2019). Em geral, é utilizada associada a algum estilo artístico como o rock psicodélico e o *psytrance*, e se refere as experiências de expansão de consciência e/ou estados alterados de consciência com potenciais, reconhecidos há milênios por culturas no que se refere a seu potencial terapêutico. Durante os anos 1950 e 1960 os potenciais terapêuticos começaram a ser reconhecidos pela comunidade científica (RODRIGUES, 2019).

Durante os anos 1950 e 1960, uma vasta quantidade de artigos e livros foram publicados com estudos envolvendo cerca de 40000 pessoas, que devido às condições de repressão tiveram pausa. Atualmente vivemos o “novo renascimento psicodélico” dentro da ciência. Os psicodélicos estão se demonstrando promissores, tanto no que se refere a pesquisas sobre processos psíquicos quanto no tratamento para diversos transtornos e condições psíquicas com resultados mais eficazes do que tratamentos usuais (RODRIGUES, 2019).

A questão de substâncias e seu uso recreativo, terapêutico e psicoterapêutico não está dissociada do seu contexto, história e moralidade. As políticas e paradigmas sobre drogas influenciam tanto na qualidade de vida e direitos humanos dos usuários (recreativos e em tratamento) quanto na possibilidade de pesquisas e subsequentemente métodos de tratamento. Em diversos países e no Brasil “O proibicionismo das drogas tem raízes estadunidenses” (FARIAS, 2019, p.60), país onde houve registro de mais de 100 mil mortes por overdose entre abril de 2020 e abril de 2021, segundo dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA (G1, 2021). A influência do imperialismo no Brasil tem uma de suas máximas com o golpe militar de 1964, tempos depois com a instauração do AI-5 se estabelece um decreto que pune igualmente traficantes e usuários com encarceramento modificando o artigo 281 do código penal (DELMANTO, 2020). Com a constituição de 1988, a população carcerária seguiu crescendo de forma interrupta, nos anos 2000 os resultados da lei 11.343/06 (lei das drogas), elevou o encarceramento de pequenos traficantes e usuários e não apresentou nenhum resultado significativo no combate ao tráfico internacional (AZEVEDO et al., 2022). Em junho de 2022, segundo dados do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) havia 215.446 pessoas presas por conta da lei das drogas e em 2021 o Sistema Único de Saúde (SUS), registrou 400,3 mil atendimentos devido ao uso de álcool e outras drogas (SENADO FEDERAL, 2023).

Com a única possibilidade de cuidado com usuários de drogas sendo a abstinência e sucessivamente parar com o uso de substâncias, a questão se afasta do campo da saúde e coloca o indivíduo na posição de criminoso, doente e imoral, devendo assim ser preso, internado ou sujeito a moral religiosa (ALVIM et al. 2022). No paradigma da Redução de Danos a abstinência deixa de ser

compreendida como única possibilidade e a substância deixa de ser central na compreensão do sujeito e as próprias perspectivas se aumentam em construção de saúde a partir de uma visão multicausal (ALVIM et al. 2022). A redução de danos, que hoje se tornou uma estratégia de saúde, iniciou-se em 1926 com a possibilidade de médicos prescreverem legalmente opiáceos para os dependentes dela, sendo este ato entendido como um modo de tratamento (FONSÊCA, 2012), o que também se relaciona com a ideia de utilizar determinadas substâncias recreativas com finalidades terapêuticas.

Movimentos sociais liderados por usuários de drogas e seus apoiadores, realizados na década de 80, buscavam melhorias nas condições de saúde e qualidade de vida. Tais movimentos marcaram o início da estratégia da saúde denominada redução de danos, destinada na prevenção e na diminuição dos riscos para a saúde dos indivíduos, com um foco específico na consideração das necessidades individuais (SILVA, 2021).

Em 1990, leis para a redução de danos dão força para o surgimento da Associação Brasileira de Redutores de Danos (ABORDA) e a Rede Brasileira de Redução de Danos (REDUC). A criação dos Centros de Atenção Psicossociais Álcool e Drogas (CAPS-AD), nos anos 2000, surge como um grande passo para a implementação da prática de redução de danos no Brasil, no qual buscam a promoção e a reabilitação de seus usuários, com um cuidado e atenção diários voltados para o paciente e sua família (LARENTIS e MAGGI apud SILVA, 2021, p. 121-132).

A ideia de utilizar-se de substâncias, lícitas ou não, para finalidades terapêuticas é antiga. No início da construção do que seria a psicoterapia, Freud utilizou-se da cocaína em seus pacientes e observou seus efeitos dos quais obteve resultados considerados fracassados (GURFINKEL, 2008), porém hoje já é possível observar a efetividade de diversas outras substâncias mesmo que ilícitas como o caso do MDMA (CALISTO, 2021).

É de imprescindível importância prática e teórica o aprofundamento nas questões das substâncias utilizadas na psicoterapia. As possibilidades de ampliar o debate associado à redução de danos, tratamentos e construção política no momento do “renascimento”, viabiliza um avanço no tema. As chamadas “drogas” nos contextos supracitados se apresentam de dada forma

para cada, tanto associadas a violência e repressão quanto promissoras para saúde. A temática possibilita a construção de ampliar possibilidades para a compreensão biopsicossocial, saúde integral concebendo como não apenas a ausência de doença, qualidade de vida entre outros que emergentes para a sociedade.

Investigar a eficácia da utilização de substâncias psicoativas em processos psicoterapêuticos e tratamento, analisar a evolução histórica das pesquisas sobre o uso desde o início da prática e mapear os países que autorizaram essa prática, compõem os objetivos deste estudo. Visando a compreensão de perspectivas das abordagens psicológicas em relação à utilização de substâncias psicoativas, explorando suas visões e posicionamentos sobre o tema. Essa abordagem integrada objetiva contextualizar historicamente e elaborar elementos específicos para compreender as diversas perspectivas teóricas no campo da psicologia.

2 MATERIAL E MÉTODO

O estudo foi realizado na abordagem qualitativa, explicativa e exploratória. Adiante, o objetivo é verificar e realizar a revisão literária dos artigos publicados entre o período de 2018 a 2023 a fim de selecioná-los com base em dados das substâncias psicoativas na psicoterapia. A revisão oferece meios para definir e explorar novas áreas a respeito do tema definido, não sendo apenas uma repetição do que já foi escrito acerca de, mas também propicia a análise do tema sob novo enfoque ou abordagem, obtendo conclusões inovadoras (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Foram propostos como descritores do tema os seguintes termos: psicoativo, substâncias, psicoterapia, drogas, proibicionismo. O critério de inclusão utilizado para realizar as pesquisas, foi a presença de assuntos relacionados ao uso de substâncias psicoativas presentes na psicoterapia e as seleções desse conteúdo. Adiante, como critério de exclusão foi selecionado a eliminação de publicações que não referentes a temática proposta da pesquisa.

Desse modo, a seleção dos resultados obtidos revisão literária descrita, assim busca estabelecer a correlações entre eles.

3 RESULTADOS

As pesquisas realizadas e selecionadas através dos critérios inclusão e exclusão, foram selecionadas 22 estudos a fim de contribuir para com o objetivo do trabalho. Tais como, levantar mudanças positivas e a segurança das substâncias como o auxílio de tratamento e em psicoterapia assistida em frente ao diagnóstico para manejo dos pacientes que possuem distúrbio, sofrimento psíquico ou prejuízo na qualidade de vida. Além disso, ressaltar e discorrer os métodos das substâncias psicoativas e a experiência realizada através dos ensaios clínicos.

As limitações da pesquisa dos estudos em que manifestaram as substâncias psicoativas, se representa de estar em fase inicial de ensaios clínicos, dessa forma com poucos resultados na psicoterapia assistida. Contudo, vale ressaltar que as referências se complementam com informações a respeito do tema, assim considera-se relevante evidenciar alguns resultados que são provenientes dos métodos e a compreensão das substâncias psicodélicas para abordar a respeito do tratamento psicoterapêutico e prevenção para saúde mental.

Dessa forma, apresenta-se uma estrutura realizada no Quadro 1, em que foi composta com as informações para compreensão das substâncias psicoativas: Cannabis Sativa, MDMA, Psilocibina e DMT/Ayahuasca. Desse modo, para contextualizar a estrutura desenvolvida, o quadro se demonstra da seguinte forma: a substância psicoativa, o título da pesquisa referente, o autor e a data de publicação e por último o tratamento psicoterapêutico.

Quadro 1- Resultado da pesquisa integrativa em base de substâncias em tratamentos psicoterapêuticos.

(continua)

Substância psicoativas	Título	Autor/ano	Tratamentos psicoterapêuticos
Cannabis Sativa	Tratamento dos sintomas e comorbidades associados ao Transtorno do Espectro Autista utilizando Cannabis Sativa.	ALMEIDA, Maria Tereza Carvalho et al. (2021).	O estudo mostra que o uso medicinal da Cannabis Sativas dentro do Espectro Autista é adjuvante para a psicoterapia em diminuição de sintomas, como a ansiedade.

(continua)

Substância psicoativas	Título	Autor/ano	Tratamentos psicoterapêuticos
Cannabis Sativa	Cannabis e alucinógenos como forma de redução de danos no tratamento da dependência de drogas de abuso.	SILVA, Annick Desmonts (2021).	O uso da Cannabis pode ser associado com o tratamento de dependência de substâncias (química) utilizado para alívio de sintomas, com a estratégia da abordagem Redução de danos (RD).
Cannabis Sativa	Considerações sobre o canabidiol no processo psicoterapêutico de crianças com transtorno do espectro autista.	OLIVEIRA, Allana Daiara Correia; POTTKER, Caroline Andrea (2019).	Potenciais efeitos benéficos em doenças para tratar Parkinson, esclerose múltiplas, Alzheimer, sintomas Associados ao Espectro do Autismo (TEA). Em foco de demonstrar as possibilidades de desenvolvimento no tratamento de TEA, acompanhado com apoio psicológico afim de um recurso de evolução para a sessão.
Cannabis Sativa	Atualizações no tratamento da dor crônica com cannabis medicinal.	GÓIS, Luiza Carla de Medeiros et al. (2019).	O estudo busca as evidências da medicação da cannabis para dor crônica, dessa forma, a melhora para redução de dor. Ademais, a respeito da dificuldade do desenvolvimento dos estudos e a medicação farmacológicos.
Cannabis Sativa	Transtorno de ansiedade generalizada e tratamento com canabidiol.	SILVA, Monique Conceição Martins Alves da et al. (2021)	Apontou sobre efeitos da medicação por cannabis sativa no tratamento de ansiedade generalizada (TAG), com a combinação da psicoterapia e melhoras nos distúrbios de ansiedade e o sono.

(continua)

Substância psicoativas	Título	Autor/ano	Tratamentos psicoterapêuticos
Cannabis Sativa	Benefícios do uso do canabidiol no tratamento do transtorno do Espectro Autista.	SILVA, C. P. C. G.; SILVA, L. F. C. G.; SOARES (2022).	Atuação terapêutica visando o acompanhamento do canabidiol à psicoterapia nas crianças com TEA, com intuito de melhorar comunicação, afetividade, habilidades sociais e entre outros.
MDMA	Uso terapêutico de MDMA na psicoterapia assistida para o tratamento de Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT).	FURQUIM, Amanda Medeiros (2022).	O uso de MDMA na psicoterapia para realizar o tratamento de transtorno de estresse pós-traumático afim de diminuir os sintomas.
MDMA	Uso terapêutico do MDMA auxiliar a psicoterapia para o transtorno de estresse pós-traumático: revisão de escopo.	CORREA, Juliano Domingues et al. (2022)	Auxiliar o tratamento na psicoterapia a respeito do transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), com administração do MDMA.
MDMA	O possível uso da psicoterapia assistida por 3,4-metilenodioximetanfetamina (MDMA) na PTSD.	CALISTO, Francisco André Vieira Marques. (2021)	Potenciais efeitos de diminuir a gravidades dos sintomas causados por evento traumático com MDMA.
MDMA	O uso de 3,4 metilenodioximetanfetamina no tratamento de transtorno de estresse pós-traumático.	RODRIGUES, Estela Oliveira et al. (2022)	Essa revisão integrativa de literatura mostra sobre o uso de MDMA no tratamento promissor do transtorno de estresse pós-traumático.
MDMA	O renascimento dos psicodélicos como potenciais agentes psicoterapêuticos, avanços recentes e perspectivas.	Almeida, Bruno Soares (2021).	O ensaio do MDMA e os avanços clínicos para psicoterapia e evidências de recuperação do Transtorno de Estresse Pós-traumático.

(continua)

Substância psicoativas	Título	Autor/ano	Tratamentos psicoterapêuticos
MDMA	Substâncias psicodélicas como "novas "estratégias terapêuticas na psiquiatria.	LOPES, Tiago Gonçalo Gomes (2023).	Ensaio do interesse clínico do MDMA no tratamento da PSPT e seus efeitos no psicoterapêutico.
DMT/ Ayahuasca	Experiência e percepções de usuários de Ayahuasca sobre sua ação terapêutica.	ESPOZITO, Michele; UEHARA, Emmy; SVÓBODA, Matheus (2022).	Para reduzir os efeitos para dependência química (cocaína, nicotina, álcool), embora os benefícios do consumo foram significativos em transtornos depressivos e ansiosos.
DMT/ Ayahuasca	Os potenciais terapêuticos de plantas psicodélicas: uma revisão integrativa sobre a ayahuasca.	MAGAGNIN, Lucas Nunes et al. (2022).	A respeito dos potenciais terapêuticos para dependência de drogas, efeitos em transtornos psiquiátricos como a ansiedade e depressão. O ensaio ressalta sobre as evidências antidepressivas composta nas dosagens de ayahuasca.
DMT/ Ayahuasca	Eficácia da Ayahuasca no tratamento do luto patológico: uma série de caso.	PHILIPPSEN, Chaiany Colpo Spricigo (2022).	Experiência da Ayahuasca e acompanhamento no tratamento do luto patológico e ressignificação.
DMT/ Ayahuasca	Análise do Uso Ritualístico e Seu caráter Terapêutico à Luz da Psicologia Analítica.	JUNIOR Nishiyama, Valter Takeshi (2021).	Busca-se analisar os potenciais terapêutico do uso ritualístico ayahuasca e compreender através da Psicologia Analítica.

(continua)

Substância psicoativas	Título	Autor/ano	Tratamentos psicoterapêuticos
DMT/ Ayahuasca	Uso ritual da Ayahuasca durante o tratamento de doenças físicas graves: um estudo qualitativo.	MAIA, Lucas de Oliveira et al. (2020).	O uso da Ayahuasca traz efeitos terapêuticos para abuso de álcool, drogas, ansiedade, depressão. e entre outros manifestações.
Psilocibina	Uso da psilocibina como ferramenta psicoterapia no tratamento da depressão: uma revisão.	SILVA, J. R.; COSTA, S. M.; SILVA, D. P. (2022).	O uso da psilocibina para tratamento da depressão e seu uso para tratamentos de apoio psicológico para ansiedade, depressão resistente e transtorno obsessivo-compulsivo (TOC).
Psilocibina	Psilocibina na terapia psico- oncológica: uma revisão escopo.	SCHMELZER, Bárbara Leal Nunes (2021).	Efeitos antidepressivos e diminuição de sintomas ansiosos em pacientes com câncer, onde a psilocibina será utilizada na comorbidade como uma assistência psicológicas.
Psilocibina	Uso de psicodélicos para tratamentos de transtornos psiquiátricos: uma revisão integrativa.	DE SOUZA, Pedro Henrique Martins; SOUZA, Gilmerson Prates (2023).	Potenciais efeitos antidepressivos, diminuição nos sintomas ansiosos em pacientes com câncer com o uso de psilocibina como tratamento.
Psilocibina	Uso de psicodélicos para tratamentos de transtornos psiquiátricos: uma revisão integrativa.	DE SOUZA, Pedro Henrique Martins; SOUZA, Gilmerson Prates (2023).	Potenciais efeitos antidepressivos, diminuição nos sintomas ansiosos em pacientes com câncer com o uso de psilocibina como tratamento.

(conclusão)

Substância psicoativas	Título	Autor/ano	Tratamentos psicoterapêuticos
Psilocibina	Potencial Terapêutico da psilocibina no Transtorno depressivo: uma revisão.	BEZERRA, Suzana Gabriely de Queiroz (2022).	Revisa o transtorno depressivo com a terapia psicodélica através do uso da psilocibina (PAP), para contextualizar a eficácia e seus efeitos colaterais.

Fontes: Dados de pesquisa (2023).

4 DISCUSSÃO

Cannabis Sativa

No contexto histórico, a planta Cannabis sativa se apresenta intrinsecamente relacionada com os primórdios do Brasil, remontando ao ano 1500, com a chegada das primeiras embarcações portuguesas, construídas com a fibra de cânhamo. Esta fibra, devido à sua firmeza e flexibilidade, proporcionava uma notável velocidade às embarcações. O termo 'cânhamo' é um anagrama de 'maconha', que é a matéria-prima também utilizada na produção das primeiras bíblias impressas do mundo. Um exemplar dessas bíblias está preservado no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (OLIVEIRA; POTTKER, 2019).

Dentro da extensa gama de substâncias presentes na Cannabis sativa, podemos identificar duas propriedades: o tetra-hidrocanabinol (THC), conhecido por seus efeitos psicotrópicos e alucinógenos, e o canabidiol (CBD), que carece desses efeitos. O CBD representa cerca de 40% dos extratos terapêuticos da planta, segundo a Secretaria de Estado de Saúde (2015), apresenta benefícios como a redução da agressividade, tratamento da insônia, controle da hiperatividade, entre outros. O uso do óleo da Cannabis sativa é usado por algumas comunidades indígenas para tratar condições como Parkinson, esclerose múltipla, Alzheimer, crises convulsivas, dor crônica e sintomas associados ao Transtorno do Espectro Autista. (BARROS; PERES apud OLIVEIRA; POTTKER, 2019, p.24-37).

O organismo humano dispõe de um sistema interno conhecido como endocanabinoide, capaz de ativar receptores específicos no cérebro, sendo os principais (CB1 e CB2). Esse sistema desempenha um papel fundamental na regulação de diversas funções, incluindo apetite, humor, padrões de sono, sensação de dor, resposta inflamatória, metabolismo e memória, entre outras. Além disso, o corpo humano abriga vários receptores endocanabinoides que servem como mensageiros naturais do corpo, encontrados em células, tecidos e órgãos, destacando o potencial terapêutico do CBD, que possui ampla aplicação clínica (BUENO, 2018).

O sistema endocanabinoide compreende funções distintas agrupadas em três categorias principais. A primeira função está relacionada à gestão do estresse, onde a ativação do sistema endocanabinoide restabelece o equilíbrio homeostático nos sistemas endócrino, nervoso e comportamental em resposta a situações estressantes. Naturalmente produzidos pelo corpo, os endocanabinoides desempenham um papel na modulação da inflamação e na regulação da sensação de dor durante momentos de estresse. O segundo grupo de funções envolve o controle do gasto energético ao regular a ingestão e o armazenamento de alimentos. Por fim, o terceiro grupo age na regulação do sistema imunológico; a ativação do sistema endocanabinoide ocorre em resposta a lesões teciduais e coordena a resposta imunológica e inflamatória (GÓIS, 2019).

O CBD atua no organismo com finalidades terapêuticas, sendo elas, ação ansiolítica, antipsicótica, anti-inflamatória, proteção dos neurônios, dos déficits cognitivos e nos distúrbios do sono (SCHLEIDER, 2019). Similarmente, uso do óleo da Cannabis sativa atua na diminuição dos comportamentos agressivos, associados muitas vezes ao isolamento social, dificuldade de comunicação e hiperatividade, presentes em transtornos como o TEA (Transtorno do espectro autista). O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que prejudica a comunicação, habilidade social, sistema sensorial e comportamentos estereotipados (OLIVEIRA; POTTKER, 2019). Ainda, é apontado que o óleo da Cannabis sativa funciona no organismo propiciando homeostase através dos receptores CB1 e CB2, ajustando a produção de serotonina e regulando o

excesso de atividades neuronais (SANTOS apud OLIVEIRA; POTTKER, 2019, p. 24-37).

A integração da cannabis sativa como coadjuvante na psicoterapia revela-se intrinsecamente relevante, uma vez que pode ser explorada como uma ferramenta auxiliar na abordagem de uma variedade de sintomas, incluindo aqueles associados à introspecção, redução de agressividade, controle do estresse e hiperatividade, entre outros. O óleo derivado da Cannabis sativa desempenha um papel crucial na promoção da homeostase por meio da interação com os receptores CB1 e CB2 presentes no organismo humano, ajustando a produção de serotonina e regulando as atividades neuronais (SANTOS apud OLIVEIRA; POTTKER, 2019, p.24-37).

Destaca-se que o canabidiol (CBD), um dos componentes da cannabis, exerce efeitos terapêuticos notáveis, atuando como agente ansiolítico, antipsicótico, anti-inflamatório e protetor dos neurônios. Essa interação sugere um potencial significativo para a cannabis sativa como uma ferramenta terapêutica complementar (SCHLEIDER, 2019).

MDMA

A 3,4-metilenodioximetanfetamina, também conhecida como MDMA, representa um composto psicoativo que se situa dentro da classe das anfetaminas psicodélicas. Sua classificação é derivada da afinidade química compartilhada com diversos psicoestimulantes e alucinógenos, destacando-se por induzir uma experiência única, caracterizada não apenas pela estimulação psicomotora, mas também por efeitos perceptuais intensificados, promovendo uma fusão entre propriedades estimulantes e alterações percentuais (DUSTIN, et al. 2021).

Classificado como uma anfetamina, o MDMA atua por meio de um mecanismo de ação complexo, caracterizado pela inibição mista da recaptação tanto da serotonina quanto da dopamina (LOPES, 2023).

Estudos a respeito do potencial terapêutico do MDMA relacionado ao transtorno de estresse pós-traumático têm sido conduzidos a partir de ensaios clínicos dedicados à psicoterapia assistida por MDMA. Notavelmente, é

apontado avanços significativos no reconhecimento das propriedades terapêuticas dessas substâncias (LOPES, 2023).

A dependência do MDMA é rara quando comparada a outros estimulantes, efeitos adversos e colaterais com índice de gravidade não foram evidenciados em grande escala, fator que também contribui para sua utilização terapêutica. A substância se apresenta atualmente como uma das mais sofisticadas alternativas de tratamento para o transtorno de estresse pós-traumático (TSPT) e demonstra potencial em casos de ansiedade e transtornos alimentares (CALISTO, 2021). Não foi encontrada uma definição objetiva de quem pode participar do método de tratamento com a substância, porém algumas condições já indicam e demonstram que alguns fatores como o peso, problemas cardíacos, hipertensão deve ser considerados como inaptos para sua realização (CORREA, 2022) “Para evitar agravamentos de problemas de saúde relacionados diretamente como os efeitos do MDMA, os estudos clínicos apresentavam uma série de critérios de exclusão” (CORREA, 2022).

Na maioria do material teórico que alude os estudos desenvolvidos, a anfetamina psicodélica MDMA mostrou eficácia para tratamento de transtornos como TEPT, comórbido com depressão ou dissociação, por exemplo. (MITCHELL, apud RECIMA, 2022).

Os resultados adquiridos com indivíduos saudáveis mostraram que o MDMA induziu estados de euforia, redução de ansiedade social, conforme os relatos dos analisados, bem-estar, autoconfiança e melhora no humor. Sua pesquisa terapêutica concentra-se principalmente no tratamento do transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), partindo de dezenas de estudos e ensaios clínicos que aumentam a relevância do tema. Em 2017, a FDA reconheceu a psicoterapia assistida por MDMA como “*breakthrough therapy*” (LOPES, 2023).

A Perturbação de Stress Pós-Traumático (PSPT) caracteriza-se por elevados episódios de estresse, como abusos sexuais ou violências. Após o trauma, sintomas fisiológicos são desencadeados no sujeito que pode estar exposto a um estímulo que o faça recordar do episódio traumático. Os portadores deste transtorno podem experimentar pesadelos, reações dissociativas, comportamentos disruptivos e *flashbacks*. Estima-se que apenas cerca de 50% dos pacientes alcançam melhoria nos sintomas sem tratamento adequado. O

interesse clínico no uso do MDMA para tratar a PSPT começou na década de 70, mas ganhou destaque considerável no século atual. O MDMA mostrou influência sob neurotransmissores monoaminérgicos e elevação na oxitocina e prolactina, relacionando então esses efeitos com a regulação das respostas ansiosas para uma possível intervenção terapêutica, por exemplo. A seguir, o primeiro ensaio clínico realizado em 2011 com presença de placebo, tinha como objetivo testar a segurança na relação psicoterapia PSPT –MDMA, o que demonstrou resultados positivos, em vista que a relação assistida se prolongava no tempo e não apresentava teor de dependência (LOPES, 2023).

Além disso, ressalta-se que o MDMA modula regiões do cérebro responsáveis pela memória, emoção, aprendizado e atenção, o que foi possível observar mediante de exames de neuroimagem. Diante dessa informação fica evidenciado que o ganho terapêutico da substância seria superior aliada ao acompanhamento psicológico para reconsolidação da memória, extinção do medo e retenção de novas memórias (FEDUCCIA, AA; MITHOEFER, apud CORREA, 2022).

Os estudos relacionados a psicoterapia foram financiados pela MAPS, sendo esta a única financiadora da pesquisa, onde conseguiu a aprovação da FDA (*Food and Drug Administration*) perante os resultados da fase 3 em 2016, se permitindo disponibilizar os resultados dessa última fase, realizada no Canadá, Israel e EUA, com 100 participantes (CORREA, 2022). Esses estudos foram iniciados em 2004, ganhando destaque somente em 2010. O protocolo da psicoterapia, funcionou da seguinte forma: variando entre 8 a 16 semanas com dois terapeutas, sendo eles um homem e uma mulher. Iniciando com 2 a 3 sessões preparatórias, foi abordado o modelo do tratamento, onde foi explicado o poder da substância e estabelecendo a relação transferencial. Avaliações da saúde física e mental também podem ser realizados, incluindo o teste de urina para drogas, teste de gravidez e de hálito alcoólico (FURQUIM, 2022).

Foram examinados os tratamentos de psicoterapia assistida com o uso do MDMA (sendo usado duas ou três vezes sob supervisão médica), onde o paciente recordava as memórias dos traumas, mas sem sobrecarregar com afeto negativo. (MARANGONI, 2022). Estudos com voluntários saudáveis, mostraram que a substância reduz o impacto de memórias negativas, onde suprime a

atividade da amígdala. Ao nível terapêutico, pode se dizer que o MDMA facilita a exposição a essas emoções, abrandando conexões sociais e processo terapêutico, tendo como objetivo principal, reativar e extinguir essas memórias emocionais (CALISTO, 2021).

Foi relatado que os pacientes que receberam a dose de placebo (25 a 40mg), tiveram casos mais graves que os receberam a dose intermediária (75 a 125mg), sendo esses casos: dois de ideação suicida e um associado a depressão. Porém, falando somente em efeitos adversos gerais, 219 dentre os 233 pacientes, experimentaram algum tipo de efeito adverso (CORREA, 2022).

A substância, junto à psicoterapia assistida, demonstrou eficiência em casos graves de TEPT, exibindo um perfil de segurança favorável se comparada com outras terapias farmacológicas, tendo o poder de transformar o tratamento do transtorno, com um tamanho de efeito maior que qualquer outra farmacoterapia. Entretanto, é necessário que estabelecer mais estudos, avaliando a eficiência e a segurança dessa abordagem, em casos de TEPT crônico (CALISTO, 2021). As propriedades farmacológicas da substância a tornam adequadas como adjuvante no tratamento, tendo mostrado resultados promissores para aqueles que são resistentes aos tratamentos disponíveis, mesmo em casos graves e com comorbidades, com efeitos colaterais leves e de curta duração (FURQUIM, 2022).

É importante relatar, que o objetivo da pesquisa não foi mostrar que a substância é segura para uso recreativo, mas sim, mostrar seu potencial terapêutico perante o tratamento de TEPT (FURQUIM, 2022). Embora todos os resultados positivos do tratamento, ainda se faz necessário mais estudos, sendo necessário maiores pesquisas para consolidar os resultados (FURQUIM, 2022).

As pesquisas estão fase em ensaios clínicos iniciais para as substâncias psicoativas, embora o MDMA para o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) com a psicoterapia assistida corroboram a eficácia e a segurança para o tratamento. Os pacientes relataram que não houve nenhuma reação ou evento adverso após administração do MDMA. As pesquisas demonstraram ao associar com a psicoterapia e acompanhamento psicológico para avaliá-lo os pacientes durante o ensaio torna-se possivelmente a trajetória mais efetiva. Ademais, no Brasil está em crescendo os números de estudos envolvendo ensaios clínicos

com o MDMA, assim como a psilocibina está sendo cada vez mais estudada (SOARES, 2021).

DMT/Ayahuasca

Originário da região Amazônica e propagado pelos povos indígenas da América do Sul, o chá, de denominação mais conhecida por Ayahuasca, é foco de diversos estudos, principalmente ligados aos efeitos terapêuticos, chegando a ser-lhe atribuído curas referidas pelos seus usuários.

A nomenclatura “Ayahuasca” (*Banisteriopsis caapi*, *Psychotria Viridis*) provém da linguagem Quéchuá, falada pelos povos habitantes da Amazônia próxima à divisa entre Brasil, Venezuela, Colômbia e Peru. “Aya” refere-se ao espírito, “huasca” conota “cipó”, assim sendo, “cipó das almas” associando a espécie das plantas utilizadas no processo de feitiço da bebida. Entretanto, as nomenclaturas variam de acordo com as localizações, tribos indígenas ou centros urbanos, podendo também variar a composição das plantas utilizadas, sendo o cipó *Banisteriopsis caapi* (dito popular “mariri”) e *Psychotria Viridis* (dito popular “chacrona”, “chacronita”, “rainha”) as principais plantas de todo composto Ayahuasca (NISHIYAMA JUNIOR, 2021).

O chá de causa a efeitos foi administrado apenas por pessoas indígenas sendo especificamente no ano de 1987, aprovado pelo governo brasileiro em uso para cidadãos não-indígenas por ser considerado indeferido em quesito de dependência química, segundo o Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN).

O início da utilização ritualística aconteceu no final do século XIX com a expansão do vegetalismo e da extração de recursos como seringueiras, macaúbas e outros encontrados nas florestas amazônicas. Com a aproximação das pessoas aos arredores das tribos indígenas, iniciou-se o processo de releitura e apropriação de algumas culturas originárias. Logo, surgiram mestres como Raimundo Irineu Serra, mais conhecido como Mestre Irineu, migrante nordestino que se arriscava no ramo da extração da borracha. Irineu foi iniciado no rito ayahuasqueiro e logo propagou seu conhecimento aos demais migrantes que se localizavam entre as divisas da Amazônia no século XX. Logo, Irineu criou

uma comunidade religiosa em Rio Branco, onde seguia no objetivo de ministrar seus conceitos e aprendizados como prática religiosa batizada de Daime, significando a invocação do espírito que traria paz, iluminação, saúde e cura (NISHIYAMA JUNIOR, 2021).

Com isso, possivelmente poderá compreender as ramificações que derivaram após o surgimento da Ayahuasca, em uma perspectiva sociocultural e religiosa, que se propagou de dentro de Amazônia para os centros urbanos. Embora, a Ayahuasca têm sido alvo de diversas pesquisas que buscam comprovar seus efeitos ao nível físico, mental e psicológico, sendo este artigo uma abordagem aos resultados.

A ayahuasca mostrou efeitos terapêuticos consideráveis em casos de dependência química, transtornos depressivos e doenças físicas graves.

Para compreensão das terapias aliadas às substâncias, existirem dois tipos de terapias aliadas aos psicoativos. As “Psicodélicas” consistem na aplicação de apenas uma dose, em quantidade suficiente para que a experiência seja forte e transmute comportamento e cognição do sujeito de forma abrupta. Nas “Psicolíticas” as doses são administradas aos poucos, monitoradas e acompanhadas em psicoterapia (SANTOS; MORAIS; HOLANDA apud SOUZA; MARTINS, 2020).

Em sessões, os usuários experimentam efeitos como excesso de vômitos e evacuações chamadas de “limpezas”. Mercante (2013) dizia ser uma forma de excreção dos resquícios de drogas e químicas nocivas presentes no organismo do usuário, os quais seriam necessários retirar para dar início à “transformação” interna. A partir da limpeza ou “purga”, o usuário experimenta diversas reflexões sobre sua vida, suas histórias e seus momentos, profundamente envolvido consigo. As reflexões podem causar sentimento de desconforto inicialmente, ao confrontar-se com suas próprias responsabilidades existenciais dentro de suas histórias. Esse desconforto está frequentemente relacionado ao processo de olhar-se e tornar-se, modificando comportamentos e padrões seguidos pelos buscadores da terapia Ayahuasca. (MERCANTE apud SOUZA; MARTINS, 2020).

São chamadas “mirações” as diversas imagens, visões e regressões que vêm após o consumo do chá. Estudos indicaram que as substâncias presentes

no chá, como a dimetiltriptamina ou DMT, podem produzir imagens como em sonhos, explicando o fenômeno das mirações. Essas experiências de natureza espiritual ou mística podem trazer estado de choque ao usuário, confrontando-o com seus estados em situações como o uso de drogas, por exemplo, ampliando a sua consciência diante dos fatos escolhidos por si (PIRES; OLIVEIRA; YONAMINE apud SOUZA; MARTINS, 2020).

Segundo relatos e estudos, mirações vivenciadas pelos dependentes durante o ritual podem forçá-los a visualizarem seus problemas como suas próprias responsabilidades, em um nível existencial de consciência. Os relatos estão envoltos por um espectro onde a ayahuasca proporciona aos usuários novas percepções e sentimentos sobre as situações, estimulando a mudança do que precisa ser mudado (MERCANTE apud SOUZA; MARTINS, 2020).

Mercante (2013), desenvolveu também um estudo para comparar como a ayahuasca pode estar relacionada com a prevenção ao uso de drogas na fase adolescente e adulta, ficando claro que jovens inseridos nos ritos ayahuasqueiros estariam em menor índice próximos ao contexto de dependência química do que jovens que nunca tiveram contato com a bebida (SOUZA; MARTINS, 2020).

Diversos estudos puderam ser desenvolvidos em torno da questão do tratamento de transtornos como depressão, bipolaridade com ayahuasca. A primeira considerável é a observação do composto químico presente na bebida. Uma breve introdução para entender o fenômeno do tratamento é compreendermos que no organismo do ser humano, especificamente no sistema gastrointestinal, existe a enzima MAO (monoaminoxidase), que bloqueia a metabolização do DMT presente na *Psychotria viridis* (Chacrona); entretanto, na planta *Banisteriopsis caapi* (Mariri) está presente alcaloides que inibem a ação temporária de MAO, impossibilitando a degradação do DMT, que quando metabolizado libera todo o seu efeito psicotrópico e aliado dos alcaloides modulam a serotonina aumentando seus níveis (SILVA; GALVÃO; COELHO, 2019). É amplamente reconhecido pela ciência que os transtornos depressivos estão associados aos baixos níveis de serotonina do cérebro dos pacientes, em contrapartida, encontramos efeitos semelhantes aos antidepressivos no composto da Ayahuasca, porém com ação muito mais rápida do que com medicamentos, estudos comprovam que em apenas uma ingestão contendo 0,36

± 0,01 mg/mL de DMT, por exemplo, que equivale à uma ingestão em sessão não padronizada, diminuiu consideravelmente a gravidade da depressão e níveis de cortisol no sangue (SILVA; GALVÃO; COELHO, 2019).

Ao analisar que os efeitos terapêuticos da Ayahuasca vão além do que somente para sintomas depressivos. Ao visualizar as análises de um estudo desenvolvido no ano de 2015 com ratos em dependência de etanol, é possível perceber que as pequenas doses de ayahuasca que foram administradas aos ratos atenuaram o efeito agudo do álcool. Outros estudos ao ano de 2020 também puderam explorar o efeito da bebida em pacientes com doenças físicas graves, e observaram mudanças significativas nos 14 pacientes que foram alvo do estudo. As mudanças se concentraram na forma do usuário de visualizar sua doença, assim como no desenvolvimento de sentimentos positivos descritos como paz, tranquilidade, autoestima, confiança, amor, agradecimento, durante a utilização. Os mesmos usuários descreviam sentimentos negativos anteriormente ao uso. Considera-se que a ingestão do chá causa introspecção nos usuários, e um efeito de contato e (re) processamento de conteúdos internos e autobiográficos, assim como positivos que favorecem a saúde mental e o conteúdo psicoemocional dos usuários (MAIA, 2020).

Estudos foram realizados com Ayahuasca e placebo em pacientes entre 18-60 anos diagnosticados com depressão e que não possuíam experiências prévias com a bebida Ayahuasca. Para avaliar os efeitos foram aplicados testes 10 minutos antes, 1h40, 2h40, 4h após a ingestão Escala de Estados Dissociativos (CADSS) (BREMNER et al., 1998), a Breve Escala de Classificação Psiquiátrica (BPRS) (CRIPPA et al., 2001), a Escala de Classificação de Mania Jovem (YMRS) (VILELA et al., 2005). Ao final, foram descritos nos resultados da Escala HAM-D uma melhora significativa nos sintomas comparado ao grupo ao qual foi aplicado placebo. A melhora foi observada até o 7 dia após a dosagem, com ênfase nos 2 primeiros dias (PALHANO; FONTES apud NISHIYAMA, 2021).

Outro estudo foi realizado com participantes com sintomas ansiosos que se retiraram a um centro ayahuasqueiro no Peru durante 15 dias; entre os requisitos necessários, o preenchimento do Inventário de Ansiedade de Beck. Este estudo teve enfoque na experiência subjetiva acompanhada de uma rede de apoio de psicólogos e demais profissionais, sendo observados os processos

psicológicos, a integração, a percepção e a resposta sob a sintomatologia ansiosa após as dosagens. Os participantes relataram terem acessado situações de estresse vividas em suas vidas em algum momento, relacionados anteriormente a cerimônia com a bebida como desconexão com o *Self* e autodepreciação (MIGUÉIS, p. 22 apud NISHIYAMA, 2021).

Ao relacionar a tomada de consciência dos acontecimentos como o real potencial terapêutico da bebida, o que traz um alívio aos sintomas que antes não eram processados e significados para os indivíduos, onde durante o ritual foram levados a entrar em contato com as possíveis causas da ansiedade presentes até em passados distantes de suas vidas, como memórias infantis, por exemplo (MIGUÉIS, p. 23-26 apud NISHIYAMA, 2021). No processo terapêutico de Jung, é indispensável a integração do inconsciente que podem ocasionar os sintomas disfuncionais na vida da pessoa, sendo necessária a integração sombra, *animus* e *anima*, a partir de símbolos que acessem o inconsciente do sujeito, tornandoos conscientes, assim como “visualizar o *self* de forma direta pelo ego” (STEIN, p. 156 apud NISHIYAMA, 2021). A sombra consiste por atributos desconhecidos do indivíduo, que ao tentar reconhecê-la fica consciente daquilo que nega em si mesmo e corriqueiramente projeta nos outros (FRANZ in JUNG, p. 168 apud NISHIYAMA, 2021).

Esta diminuição sintomática é atribuída a catarse emocional vivida durante o processo da Ayahuasca no organismo do indivíduo, que experimenta sentimentos de alegria, gratidão, integração, mas também medo, tristeza, desespero. “a autora pontua que de acordo com todos os relatos e os resultados do instrumento BAI que recolheu dados quinze dias antes e depois da ida dos participantes; “[...] foi observado que os processos psicológicos identificados anteriormente a cerimônia foram diferentes dos processos psicológicos revelados durante e após a experiência com a ayahuasca, com a diminuição dos sintomas ansiosos, exibindo um impacto quase exclusivamente positivo em relação às descrições anteriores, como a autodepreciação e autocrítica” (MIGUÉIS, p. 28-30 apud NISHIYAMA, 2021).

Diante de todos os relatos dos usuários envolvidos nas pesquisas, o que chama atenção pela recorrência são as recordações de memórias reprimidas, perdão, aceitação, autoanálise, permitindo que seja liberada uma energia

psíquica acumulada e que outrora não fora processada pelos usuários. Este é descrito o processo da cura que ressignifica situações e proporciona novas perspectivas de aceitação e caminhos a serem seguidos. Os usuários também experimentaram as “limpezas” (choro, bocejo, risadas, diarreia, vômitos, tremores) como forma de desintoxicar o corpo e os campos emocionais e mentais, fazendo com que se caracterizasse a “morte” de padrões nocivos de comportamentos, para que uma nova consciência viesse atuar (NISHIYAMA JUNIOR, 2021). A ideia pode se relacionar com a psicologia analítica, Jung desenvolveu a técnica de imaginação ativa usada até hoje que consiste em esvaziar a consciência do ego, liberando o fluxo de pensamento livre, silenciando os pensamentos egoicos, o que para um estado normativo de consciência se faz uma atividade complexa de ser realizada. Em estado meditativo, a técnica sugere o acolhimento das imagens provindas do inconsciente, sem tentar acelerá-las ou mudá-las com rapidez, mas concentrar-se nelas de maneira ativa. Finalmente, expressar essa imagem, seja em música, dança, pintura, escultura ou qualquer atividade que dê forma e a externalize. Para além das representações, Jung pontuou que as imagens provêm do inconsciente coletivo, de um enraizamento genérico humano originário das representações simbólicas” (FRANZ, p. 190 apud NISHIYAMA, 2021).

Os processos vivenciados e descritos pelos usuários dentro do estudo com se relacionam com a visão analítica de Jung dentro de suas técnicas e seus ciclos de transformação de alma. Na época de Jung, “espiritualidade” era o mesmo que “religiosidade”, o que nos leva a compreensão de que Jung desenvolveu uma psicologia baseada nas experiências espirituais e religiosas que almejavam a transcendência. Jung considerou que todas as religiões ou ritualísticas são como psicoterapias, trabalhando como veículos de cura para a psique humana, sofrimentos profundos e enfermidades corporais. Sendo assim, a transformação deve partir da mudança de atitude proveniente da consciência dos atos e acontecimentos (DORST p. 16 apud NISHIYAMA, 2021).

Para Jung a personalidade se potencializa inicialmente quando o indivíduo é capaz de se integrar na experiência coletiva, compreendendo e olhando para o inconsciente coletivo através da introspecção e da retrospectão. As diversas religiões conotam a ambiguidade da psique humana, sendo que cada

uma delas comporta um mecanismo psíquico de cada indivíduo, dentro da sua subjetividade, por isso as metodologias de intervenção e religião variam (OC XVI/1, p. 33, NISHIYAMA, 2021).

Psilocibina

A Psilocibina é uma substância psicoativa encontrada no cogumelo, envolvida em diversas culturas durante anos, relatada como uma experiência pessoal, espiritual e mística diante desse contexto. Além disso, faz parte do contexto indígena para rituais e auxílio de cura. Por conseguinte, foi apresentado que a substância demonstra um grande potencial tratamento psicoterapêutico (SILVA; COSTA, 2022).

Em ensaios clínicos, trouxe a narrativa sobre as dosagens de psilocibina administradas em pacientes oncológicos. Desse modo, apresentou os resultados para sintomas depressivos e robustos, com isso, houve uma melhora significativa na ação terapêutica e no âmbito de bem-estar na saúde mental demonstrando o seu potencial terapêutico promissor. Ainda, em um estudo realizado por Moreno, segundo o autor em relação a respeito do transtorno obsessivo compulsivo (TOC), após o uso da psilocibina, resultou em diminuição dos sintomas e alívio pessoal para os participantes. Ademais, a literatura ressaltou que a substância é segura para saúde e efeitos terapêuticos após realizar observações nas mudanças cerebrais (SILVA; COSTA, 2022).

Os indivíduos com câncer estão vulneráveis ao sofrimento psíquico e malestar físico ocasionado pelo processo da doença. A preocupação pela procura de cura e caminho que será enfrentado pelo paciente, o sofrimento relacionado nesse processo que poderá vir apresentar sintomas depressivos, ansiosos e até mesmo um transtorno depressivo associado pelo diagnóstico. Diante, as pesquisas realizadas demonstraram que a substância psicoativa atuou no alívio do sofrimento psicológico, como desesperança e ansiedade, no qual o indivíduo se reestabelece com aumento na aceitação frente ao diagnóstico e a reflexão sobre a morte (SCHMELZER, 2021).

Os ensaios clínicos abordaram em seus dados onde relevaram os benefícios da psilocibina, dessa forma os resultados eram significativamente positivos e seguros durante seu uso, e pode-se observar a melhora de humor

negativo e depressivo. Diante desse contexto, evidenciou pelos artigos a remissão dos sintomas depressivos e ansiosos acompanhados com apoio psicológico e a psicoterapia, dessa forma resultou o aumento da qualidade de vida dos pacientes. Assim, apresenta-se uma perspectiva a respeito da dosagem da psilocibina como nova uma alternativa acompanhada com o suporte de um profissional (DE SOUZA; SOUZA, 2023).

Além dos resultados estudos de depressão, ansiedade e sintomas depressivos com o diagnóstico do câncer para tratamento de Transtorno Depressivo Maior em que se relevou promissor, também foi notado que a substância psicoativa trouxe respostas nos subsídios de vícios, como tabagismo e alcoolismo, com isso, a pesquisa apresenta que os pacientes cessaram o consumo de cigarro após o acompanhamento de sessões de psicoterapia na abordagem da teoria cognitivo comportamental, assistida com a administração de dosagens de psilocibina. Houve resultados relevantes para o acompanhamento na psicoterapia acompanhada com o paciente que possui o

vício em álcool. Contudo, são necessários explorar mais estudos para melhor entendimento dos efeitos terapêuticos em relação ao vício (LINARTEVICH I et al, 2021).

Dados os potenciais terapêuticos da psilocibina, ressalta-se essencial acompanhamento da supervisão de sua administração por via de profissionais da área da saúde mental. Desse modo, em conjunto com a psicoterapia assistida por psicodélicos (um deles a psilocibina) e o apoio dos profissionais, desenvolve e fortalece o manejo e análise do quadro clínico do paciente em conjunto com a sua rede de apoio. Por conseguinte, o avanço em relação ao tratamento farmacológico da substância psicoativa pode-se observar que além dos potenciais terapêuticos dos transtornos, o sofrimento, angústia psíquica, ademais os participantes relataram que após o seu uso houve a reaproximação com o lado espiritual (BEZERRA, 2022).

Métodos das substâncias psicodélicas e psicoativas

Com o início das pesquisas sobre o uso terapêutico de psicodélicos principalmente dois fenômenos foram observados com maior ênfase, sendo

esses a redução de sintomas depressivos, ansiosos, culpa, irritabilidade e a mudança para uma postura de maior esperança, tolerância, aceitação (RODRIGUES, 2019). Enquanto por parte dos psicoterapeutas “utilizar as poderosas experiências de regressão, ab-reação, transferência intensa e dramatização simbólica em terapias psicodinâmicas” (RODRIGUES, 2019) foi objeto de interesse por psicoterapeutas, evidenciando também fenômenos psicanalíticos.

Com o avanço das pesquisas o paradigma resultou em duas abordagens principais para o uso de psicodélicos nas psicoterapias, sendo essas a psicolítica (doses moderadas e repetidas) e a psicodélica (doses altas). (RODRIGUES, 2019)

Na abordagem psicolítica o psicodélico é uma ferramenta que intensifica os processos clínicos da qual é possível “relaxar as tensões e defesas egóicas, de reduzir a ação de mecanismos de inibição de imagens, afetos e memórias inconscientes, facilitando assim a expressão de material reprimido” (RODRIGUES, 2019). A possibilidade de explorar o inconsciente se torna maior já que o indivíduo “pode ficar sensivelmente atento a defesas do ego, como projeção, negação, formação reativa, identificação, etc., ao se notar utilizando tais mecanismos”, assim como a transferência pode ser intensificada (RODRIGUES, 2019). Dentro do método psicolítico “Abordagens psicodinâmicas diversas, como a psicanálise, a psicologia analítica, a abordagem kleiniana, reichiana, rogeriana, esquizoanalítica” são utilizadas no processo psicolítico.” (RODRIGUES, 2019).

Na abordagem psicodélica, que se utiliza de doses altas de determinada substância, o psicodélico pode ser compreendido com capaz de proporcionar “revelações místicas com mergulhos no inferno, experiências de morte e renascimento, sofrimento e transcendência, algo que aproxima a abordagem psicodélica de rituais ancestrais de purificação corpo-alma”. A psicoterapia psicodélica busca atingir uma força interior superior a uma lógica que transcende o indivíduo (RODRIGUES, 2019). Alguns fenômenos presentes na experiência psicodélica podem ser compreendidos como “*Confronto de medos inconscientes de morte; redução do foco no eu; mudanças de percepção de consciência humana; aumento da fé e ampliações de significado da vida.*” O autor adere e

compreende a experiência baseado na psicologia existencial no contexto de psicoterapia psicodélica (SANTOS; MEDEIROS, 2021 apud MORETON, 2019). O renascimento da psicoterapia psicodélica é promissor para a saúde, promovendo avanços em graves condições como depressão, ansiedade da morte, transtornos de dependência e entre outros já citados. O atual momento de quebra de alguns antigos paradigmas na sociedade permite também o progresso do movimento e campo (SANTOS; MEDEIROS, 2021).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito do levantamento a respeito da eficácia, contextualização e identificação potencial das substâncias psicoativas foi realizado, embora seja importante considerar a precocidade do tema em um novo campo científico que se ressignifica de um histórico de tabu e banalização. A temática das substâncias psicodélicas ainda enfrenta um peso de desinformação social, entretanto os avanços científicos atuais têm desmistificado este cenário e trazem promoção dos efeitos positivos assim como conscientização dos negativos.

Através dos estudos descritos é ressaltado a importância do acompanhamento psicológico dentro desses casos, onde seja proporcionado um espaço seguro, profissional e capacitado para atender e dar suporte ao indivíduo que fará o tratamento. Cada substância abordada mostrou seu potencial terapêutico e suas possíveis carências que se sobrepõe devido à falta de pesquisas voltadas a composição química, dosagem, preparação e entre outros, com exceção de alguns ensaios clínicos a respeito do MDMA. Observa-se que nos referidos artigos de psicoterapias a psicanálise e a psicologia analítica de Jung lideraram como abordagens com quantidade de teorias sobre os fenômenos psíquicos durante o uso de psicodélicos. Por seguinte, os objetivos cumpridos abordaram a história das substâncias psicoativas, a eficácia em processos psicoterapêuticos, as comorbidades da qual estão sendo utilizadas para tratamento em ensaios clínicos, embora houve poucas quantidades de estudos dos quais esclarecem quais países estão sendo realizados as pesquisas das substâncias, o trabalho apresentou sobre a contextualização das potencialidades de tratamentos psicoterapêuticos cumprindo os objetivos propostos.

É necessário dar continuidade a temática para acrescentar informações para contribuir com as análises das substâncias e complementar as pesquisas científica, os ensaios clínicos que estão sendo colocados em práticas, e explorar a respeito da abordagem e métodos da psicoterapia psicodélica.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Tereza Carvalho et al. Tratamento dos sintomas e comorbidades associados ao Transtorno do Espectro Autista utilizando Cannabis sativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 13, n. 4, p. e6922e6922, 2021.

ALVIM, Mônica; BARROS, Paulo; ALENCAR, Silvia; BRITO, Vanessa. *Gestalt-terapia Crítica e Política: relações raciais, gênero e diversidade sexual*. 2ª edição. [S. l.: s. n.], 2022. DOI 10.22350/9786559176434. Disponível em: <http://www.editorafi.org>. Acesso em: 13 set. 2023.

AZEVEDO, R. G. de; SINHORETTO, J.; SILVESTRE, G. Encarceramento e desencarceramento no Brasil: a audiência de custódia como espaço de disputa. *Sociologias*, 24(59), 264–294, 2022. <https://doi.org/10.1590/15174522-103835>

Aumenta o número de pessoas com transtornos por uso de drogas e álcool. **Senado Federal**, [S. l.], p. 1, 3 mar. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/sis/noticias-comum/aumenta-onumero-de-pessoas-com-transtornos-por-uso-de-drogas-e-alcool>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BARROS, A.; PERES, M. Proibição da maconha no Brasil e suas raízes históricas escravocratas: Proibição da Maconha no Brasil. *Revista Periferia*, v. 3, n. 2, 2011. Acesso em 15 de setembro de 2023, às 15:45.

BEZERRA, S. G. de Q. et al. Potencial terapêutico da psilocibina no transtorno depressivo: uma revisão, 2022.

BUENO, C. Q. Alterações na percepção emocional em usuários de cannabis. *Revista de Biologia*, v. 13, n. 1, 2018.

CALISTO, F. A. V. M. O possível uso da psicoterapia assistida por 3, 4metilenodioximetanfetamina (MDMA) na PTSD. 2021. Tese de Doutorado.

CARVALHO, Cesar. Contracultura, drogas e mídia. In: Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 2002, p. 1-14.

CORREA, Juliano Domingues et al. Uso terapêutico do MDMA auxiliar a psicoterapia para o transtorno de estresse pós-traumático: revisão de escopo, 2022.

DA CUNHA SANTOS, Henrique; MEDEIROS, Cássio Ilan Soares. O renascimento da terapia psicodélica: Uma revisão integrativa da literatura. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 9, p. e48510918122-e48510918122, 2021.

DA SILVA, Ana Karoline Pontes; DA SILVA BARBOSA, Sabrina; DA SILVA, Natasha Cristina Silva. Evidências sobre os efeitos antidepressivos da Ayahuasca: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 16, p. e90111637981e90111637981, 2022.

DELMANTO, Júlio. História social do LSD no Brasil: os primeiros usos medicinais e o começo da repressão. 2018. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
doi:10.11606/T.8.2018.tde-11122018-161707. Acesso em: 2023-04-05.

DELMANTO, Júlio Delmanto. História Social do LSD no Brasil: os Primeiros Usos Medicinais e o Começo da Repressão. 1ª edição. ed. [S. l.]: Editora Elefante, 2020.

DE SOUZA, Leonardo Ferreira; MARTINS, Alberto Mesaque. O uso da ayahuasca no tratamento da dependência química: uma revisão integrativa brasileira. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 20, n. 2, p. 239-253, 2020.

DE SOUZA, Pedro Henrique Martins; SOUZA, Gilmerson Prates. Uso de psicodélicos para tratamento de transtornos psiquiátricos: uma revisão integrativa. *Bionorte*, v. 12, n. Suppl. 2, p. 38-45, 2023.

EUA registram 100 mil mortes por overdose em um ano pela primeira vez na história. **G1.globo.com**, [S. l.], p. 1, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2021/11/17/eua-registram-100-milmortes-por-overdose-em-um-ano-pela-primeira-vez-na-historia.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2023.

ESPOZITO, Michele; UEHARA, Emmy; SVÓBODA, Matheus. Experiências e percepções de usuários de Ayahuasca sobre sua ação terapêutica. *Ayvu: Revista de Psicologia*, v. 9, 2022.

FARIAS, Lara Lisboa. Estado, nova direita e contrarreforma: uma análise sobre os atuais parâmetros da Política de Drogas no Brasil. 2019. 130 f., il. Dissertação (Mestrado em Política Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/38075>. Acesso em: 2023-04-1
Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.8.2018.tde-11122018-161707. Acesso em: 2023-04-05.

FONSÊCA, C. J. B. da. Conhecendo a Redução de Danos Enquanto uma Proposta Ética. *Revista Psicologia & Saberes*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2012. DOI: 10.3333/ps.v1i1.43. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/42>. Acesso em: 5 out. 2023.

FURQUIM, Amanda Medeiros. Uso terapêutico de MDMA na psicoterapia assistida para o tratamento de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GÓIS, Luiza Carla de Medeiros et al. Atualizações no tratamento da dor crônica com cannabis medicinal. 2019.

GURFINKEL, Decio. O episódio de Freud com a cocaína: o médico e o monstro. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 11, p. 420-436, 2008.

KOMINSKI, Maurycio Bora. O uso de psicodélicos na saúde mental: uma revisão da literatura. 2021.

LABIGALINI, E.; RODRIGUES, L. R.; DASILVEIRA, D. X. Therapeutic use of cannabis by crack addicts in Brazil. *Journal of Psychoactive Drugs*, v. 31, n. 4, p. 451–455, 1999. Acesso em 16 de setembro de 2023, às 18:30.

LARENTIS, C. P.; MAGGI, A. Centros de atenção psicossocial álcool e drogas e a psicologia. *Aletheia*, n. 37, p. 121-132, 2012. Acesso em 15 de setembro de 2023, às 17:50.

LINARTEVICH, Vagner Fagnani et al. Potencial uso da psilocibina no tratamento da depressão: Uma revisão. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 3, p. 32270-32288, 2021.

LOPES, Tiago Gonçalo Gomes. Substâncias psicadélicas como "novas" estratégias terapêuticas na psiquiatria. 2023.

MACRAE, Edward. A questão das drogas: pesquisa, história, políticas públicas, redução de danos e enteógenos. EDUFBA: CETAD-UFBA, 2021.

MAIA, Lucas de Oliveira et al. Uso ritual da ayahuasca durante o tratamento de doenças físicas graves: um estudo qualitativo. 2020.

MAGAGNIN, Lucas Nunes et al. Os potenciais terapêuticos de plantas psicodélicas: uma revisão integrativa sobre a ayahuasca. 2022.

MORAES, Helena Biazzotto. Integração de experiências desafiadoras com psicodélico: contribuições psicanalíticas. 2023.

MOREIRA, Carla Regina et al. Redução de danos: tendências em disputa nas políticas de saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 72, p. 312-320, 2019.

NISHIYAMA JUNIOR, Valter Takeshi. Análise do Uso Ritualístico da Ayahuasca e Seu Caráter Terapêutico à Luz da Psicologia Analítica. 2021.

OLIVEIRA, Allana Daiara Correia; POTTKER, Caroline Andrea. Considerações sobre o canabidiol no processo psicoterapêutico de crianças com transtorno do espectro autista. *Uningá Review*, v. 34, n. 4, p. 24-37, 2019.

OLIVEIRA, Lucas Lopes et al. Etnografando a construção do direito ao acesso à maconha medicinal em um contexto proibicionista: desafios e possibilidades frente aos direitos humanos. 2020.

OLIVEIRA, Luíza Carraschi de et al. Práticas emancipatórias na área de drogas: construção de projetos com trabalhadores da Atenção Primária à Saúde. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 53, 2019.

PASSOS, E. H., & Souza, T. P. (2011). Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de "guerra às drogas". *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 154-162.
<https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100017>

PHILIPPSEN, Chaiany Colpo Spricigo. Eficácia da Ayahuasca no Tratamento do Luto Patológico: uma Série de Casos. 2022. Dissertação de Mestrado.

RODRIGUES, Estela Oliveira et al. Uso de 3, 4-Metilenodioximetanfetamina no Tratamento de Transtorno de Estresse Pós-Traumático. *RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218*, v. 3, n. 12, p. e3122416-e3122416, 2022.

RODRIGUES, S. Introdução ao uso de psicodélicos em psicoterapia (apostila do minicurso da Associação Psicodélica do Brasil). Rio de Janeiro: APB, 2019.

SANTOS, H. da C.; MEDEIROS, C. E. I. O renascimento da terapia psicodélica: uma revisão integrativa da literatura. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, [S. l.], v. 9, pág. e48510918122, 2021. DOI:

10.33448/rsdv10i9.18122. Disponível em:
<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18122>. Acesso em: 4 out. 2023.

SAVOLDI, Robson. Ayahuasca e self: relações entre autoconsciência, misticismo e dissolução do eu. 2022.

SCHLEIDER, L. B. L. et al. Experiência real do tratamento médico da maconha no autismo: análise de segurança e eficácia. *Scientific Reports*, p. 1-7, 2019, janeiro 2019.

SCHMELZER, Bárbara Leal Nunes et al. Psilocibina na terapia psicooncológica: uma revisão de escopo. 2021.

Senado Federal. Aumenta o número de pessoas com transtornos por uso de drogas e álcool. [S. l.], p. 1, 3 mar. 2023. Disponível em:
<https://www12.senado.leg.br/institucional/sis/noticiascomum/aumenta-onumero-de-pessoas-com-transtornos-por-uso-de-drogas-e-alcool>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SILVA, Annick Desmonts. Cannabis e alucinógenos como forma de redução de danos no tratamento da dependência de drogas de abuso. 2021. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SILVA, C. P. C. G.; SILVA, L. F. C. G.; SOARES, Fabiana Cruz. Benefícios do uso do canabidiol no tratamento do Transtorno do Espectro Autista. *Tópicos especiais em ciências da saúde: teoria, métodos e práticas*, v. 31, p. 296-314, 2022.

SILVA, J. R.; COSTA, S. M.; SILVA, D. P. Uso da psilocibina como ferramenta psicoterapêutica no tratamento da depressão: uma revisão. *Scire Salutis*, v.12, n.1, p.316-326, 2022. DOI:
<http://doi.org/10.6008/CBPC2236-9600.2022.001.0035>

SILVA, Monique Conceição Martins Alves da et al. Transtorno de ansiedade generalizada e tratamento com canabidiol: um relato de caso. 2021.

SISTEMA de Informações do Departamento Penitenciário Nacional – SISDEPEN: 12º Ciclo – INFOPEN. [S. l.], 30 jun. 2023. Disponível em:
<https://www.gov.br/senappen/pt-br/servicos/sisdepen/relatorios/relatorios-analiticos/br/brasil-jun-202212ciclo.pdf>. Acesso em: 26 set. 2023.

SOARES, Breno Almeida. O renascimento dos psicodélicos como potenciais agentes psicoterapêuticos: trajetória, avanços recentes e perspectivas. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, v. 23, n. 2, p. 215-241, 2021.

TURKIA, Mika. Ayahuasca no tratamento do transtorno bipolar com características psicóticas. (2023).

